

RESENHA

VALDÍVIA, Márcia Barros. **O Império da Toalete: a beleza e feiura na Belle Époque.** Curitiba: CRV, 2023.

Bruno Miranda Braga¹



10.23925/2176-4174.v1.2024e66984

Recebido em: 04/05/2024.

Aprovado em: 21/05/2024.

Publicado em: 01/06/2024.

A sensibilidade do ser: discursos, apropriações e representações estéticas na Belle Époque

O que se constitui o belo? E o feio? Atualmente a sociedade estereotipa de uma maneira aquilo que é definido como “padrão”. Como todos os fazeres e sentimentos humanos, o belo e o feio também constituem regimes de historicidade, esses regimes são além de representações do pensamento determinam os viveres, as sensibilidades de períodos da história, tem uma versão de mundo.

Sensibilidade parece ser uma palavra inteligente e tão cara nesta obra. Lidar com os estigmas com aquilo que se considerava atraente ou assustador em determinados momentos da história é algo que exige sensibilidade, e nisso, o texto se tornou tão inteligente e perspicaz, audacioso eu me atrevo a dizer.

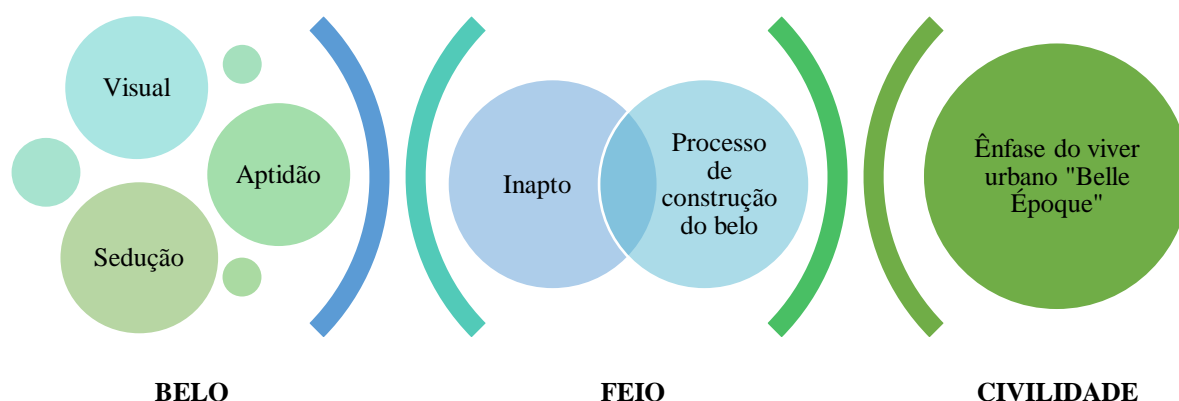
A referida obra, fruto de extensa pesquisa da historiadora Márcia Barros Valdívía nos apresenta uma leitura de mundo, mas não somente uma leitura, mas uma pesquisa de mundo, mundos na verdade: Márcia nos apresenta como os discursos se construíram a respeito de personagens que eram vistos, mas que necessariamente

¹ Doutor em História Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas UFAM. Amazonólogo, especialista em Estudos Amazônicos pela Universidade de Brasília UnB. Também sou especialista em Gestão e Produção Cultural pela Universidade do Estado do Amazonas UEA. Licenciado em História e em Geografia. Membro Efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas IGHA. Atualmente sou professor na Faculdade Católica do Amazonas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7000-2456> E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com.

eram “bem-vistos”. A autora nos alerta ainda sobre como eram praticadas as atividades de beleza, e como o discurso médico-sanitário intervinha e teorizava sobre as noções de belo e feio; isso torna a sua obra importante, e inovadora.

Há uma tríade semântica por detrás dessa obra que se une de maneira eficiente e didática: beleza-feiura-civilidade, sintetizando o ideal da época, e à “veemência da vida”, no sentido que Johan Huizinga deu a frase, nesse mesmo sentido, Márcia Valdívia, nos mostra o vigor, a eloquência que essa tríade assumiu na cidade de São Paulo na virada do século XIX para o XX, com isso diferentes discursos se uniram procurando e destacando sempre o principal que era “a utopia da cidade disciplinar”.² Esse sentido, analisar os discursos médicos, sanitaristas, jornalísticos, se torna nessa obra ponto fundante do encontro e dos desencontros que a história nos proporciona.

O *SmartArt* seguinte, mostra o processo em fases das grandes teorias que a autora congrega em sua pesquisa:



O belo enquanto exigência era um processo: mesmo os que “nasciam bonitos, normais” deveriam utilizar “acessórios, produtos” para realçar sua beleza. O sentido do belo era o visual, que seduzia, que foi aos poucos sendo apontado como “apto”, sendo necessário sua inserção em atividades e contextos urbanos da sociabilidade.

O feio era o “inapto”, porém, tinha outras utilidades especialmente o entretenimento como a autora sugere. Porém, nascer feio não era um castigo, mas antes uma lição: criou-se um discurso de “auxílio” que viu nos elementos de toalete e

² A expressão é da historiadora Margareth Rago.

de higiene os elementos necessários para o processo de construção do belo; o feio estava em processo parece uma proposição semelhante ao que foi dado ao indígena anos antes no discurso de “branqueamento do Império”, no qual em uma escala de civilização eles, os indígenas estavam no processo de “branquitude”.

A civilidade era o ápice da vida: o discurso da belle époque é um discurso de civilidade, de bem-viver, mas um bem-viver para quem? Um bem-viver para quem podia se manter e conviver nos mesmos espaços que as posturas, os códigos e as conduta exigiam.

A belle époque, período entre os anos finais do século XIX e primeiros decênios do XX, é caracterizado pelo forte tom sanitarista. As cidades se remodelando urbanisticamente ao exemplo de Paris durante a governança do prefeito Barão de Haussman, passaram a ser palco dos acontecimentos e esses acontecimentos deveriam convergir com os novos espaços que surgiam, deveriam as pessoas serem remodeladas também. Nisso a autora destaca como é significativo percebermos que tudo que foi operado em São Paulo e em sua população no período analisado era em nome da civilização. Jean Starobinsk, ao analisar os conflitos da civilização na França dos séculos XVII e XVIII, afirmou que sobre civilização:

Não se trata mais de avaliar os defeitos ou os méritos da civilização. Ela própria se torna o critério por excelência: julgar-se-á em nome da civilização. Ela se torna motivo de exaltação para todos aqueles que respondem ao seu apelo; ou, inversamente, fundamenta uma condenação: tudo que não é a civilização, tudo que lhe resiste, tudo que a ameaça, fará figura de monstro ou de mal absoluto.³

Logo ao estudar o processo de europeização que passou a cidade, a autora atenta a diferentes partes, e diferentes discursos que engendraram a questão: médicos, sanitaristas, jornalistas, observadores, políticos, donos de eventos de entretenimento, outros, afinal como apontou Starobinsk, tudo que não é civilização, é “monstro”, e nesse “monstro”. centraliza nossa pesquisa.

O sociólogo Norbert Elias⁴ disserta sobre a etimologia dos termos civilizado e incivil. Para este autor, essas palavras são conceitos que conhecem a mudança de forma estática e grosseira, uma vez que formam uma ideia oposta no decorrer do

³ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 33.

⁴ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*, volume 01. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 73.

tempo, como bem e mal, porém, acabam representando “fases de um desenvolvimento que, além do mais, ainda continua”. O que o autor quer dizer é que esses termos assumem a expressão de emoções que tomaram sentido diferente, (no caso do incivil) ou permanecem no sentido que julgamos ser correto, para civilizado.

A maior inovação da pesquisa em minha opinião foi justamente à maneira pela qual a autora construiu o discurso de belle époque. Período tão caro a historiografia brasileira sempre identificando reformas urbanas, emancipações, construções e determinações, voltadas majoritariamente a reformas urbanas; Márcia por outro lado, traça sua análise considerando esses pontos urbanísticos, mas enfatiza a construção da ideia de beleza para além dos edifícios e vias públicos. A autora destaca a construção da beleza das e nas pessoas. Nas suas palavras:

As fases citadas perpassam o período da presente obra, no qual a cronologia está delimitada entre os anos 1870 e 1929. A escolha pela referida temporalidade deve-se ao fato de que as reformas urbanas com bases higienistas e sanitaristas na cidade de São Paulo tiveram início na segunda metade do século XIX, e que, a partir da primeira da primeira década do século XX, os eugenistas começaram a dialogar com seus pares das áreas da higiene e do sanitarismo.⁵

No Brasil do XIX, não existia uma democracia, mas uma hierarquia. Com Von Martius, surgiu o mito da democracia racial na qual as três raças vivam em consonância na terra brasilis, e ambas ajudaram em sua constituição. Mas a intenção geral era formar uma nação branca, alva, onde a história era da elite e para a elite, excluindo assim aqueles que não faziam parte desse núcleo social. Levando a crer que as cidades desse período fossem todas uníssonas e majoritariamente constituídas por uma elite branca. Mas, as práticas cidadinas apontam para caminhos que simbolizam uma cidade bem diferente, repleta de fazeres e saberes que nem sempre dialogavam com o estabelecido, ou idealizado pelos poderes. Prosseguindo, a autora nos diz que:

O estudo tem como ponto de chegada o final da década de 20, devido às especificidades da eugenia dividida em duas vertentes: positiva, a qual visava a educação e o incentivo da procriação de pessoas consideradas aptas para o melhoramento da raça, e a negativa, a qual propunha evitar a proliferação dos incapazes com projetos de esterilização. O racismo e a xenofobia da eugenia, em especial das décadas de 30 e 40, foi explícito com as práticas

⁵ VALDÍVIA, Márcia Barros. *O Império da Toalete: a beleza e a feiura na Belle Époque*. Curitiba: CRV, 2023. p. 20.

de extrema violência em determinadas realidades sociais, como nos campos de extermínio nazifascistas [...]»⁶

Importante pensar as temporalidades que a autora propôs ao seu trabalho, como o discurso médico e sanitário estavam imbricados de ideologias que visavam dar uma nova função aos espaços e como a sociedade, especialmente as camadas pobres eram vitimadas a um sistema de espoliação e exclusão.

O poder público construiu e classificou a classe pobre, como classe perigosa. Sidney Chalhoub⁷, ao analisar a derrubada do cortiço Cabeça de Porco, no Rio de Janeiro da belle époque, discute sobre como o pobre era visto pela elite, banditismo, vícios, doenças, e tudo que remetia perigo era atrelado ao pobre.

Michel Foucault, teórico presente nas referências teóricas da autora, disserta sobre o discurso do poder. Para este teórico, cada luta se dá em torno de um poder a ser alcançado, e esta luta pelo poder, aparece em pequenos focos, como no caso, um jornal. Ao analisar estes discursos jornalísticos à cerca “do perigo que os índios representavam”, devemos perceber que isso dá voz apenas à um lado, no caso o redator da notícia. Para Foucault, isso dá a impressão de ser muito menos. Mas e se fosse muito mais? Será que os índios não estavam sofrendo, passando por alguma necessidade e queriam despertar a atenção pública? Devemos, segundo Michel Foucault “psicanalisar” a baixo preço o que deve se o objeto de uma luta.⁸

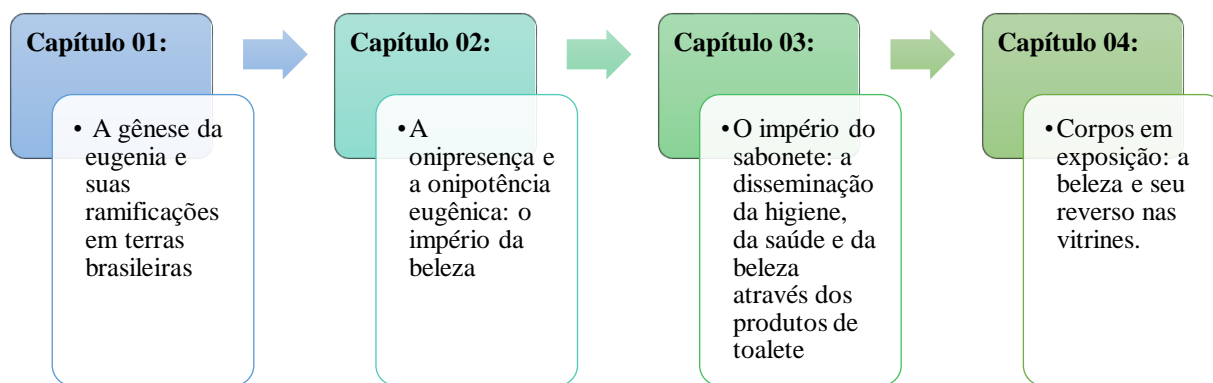
A divisão da obra enfatiza os conjuntos das fontes tomadas pela autora como corpus de análises. Cada um dos 4 capítulos mostra como a beleza era direcionada a partir da construção de um discurso forte, fazendo-se valer de diferentes teorias que a autora domina com propriedade e uma madura leitura.

A obra está dividida da seguinte forma:

⁶ Idem. p. p. 20, 21.

⁷ CHALHOUB, Sidney. *A Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 20, et. seq.

⁸ Ver mais sobre esse debate em torno do micropoder em: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.



Esse processo em ênfase que Márcia nos brinda é sem dúvidas perspicaz: inicialmente nos apresenta a eugenia enquanto prática e processo, depois sua presença e potência em prol da busca pelo belo, seguindo temos os mecanismos de trato dos “não atrativos”, e por fim, um paralelo entre a realidade requerida e a realidade das vivências e experiências cotidianas, como os homens e as mulheres, emergidos naqueles discursos se situavam e eram inseridos, buscando o ideal de beleza.

O recorte temporal proposto na obra foi um período de muitas crenças, onde as diversas nações impulsionadas por forças adversas, construíram seus impérios em territórios do além-mar. Foi um século marcado pela plena consolidação capitalista, marcado pelas melhorias e avanços na produção industrial e fabril iniciadas no XVIII.

As melhores condições em termos de saúde, proporcionaram longevidade aos que nele viveram, e, conseqüentemente, um aumento demográfico, que se aliou a busca por habitação nas cidades, que se agitaram com o aglutinamento de burgueses e operários, apresentando ao público a dualidade que marcará toda a sua extensão temporal. Surgiram a luz elétrica, o telefone, a fotografia e como esta estará presente e servirá de suporte clínico, artístico, cultural e é claro burguês. Surgiram também a lâmpada incandescente, o dirigível etc., marcando assim o gozo dos enriquecidos de então.

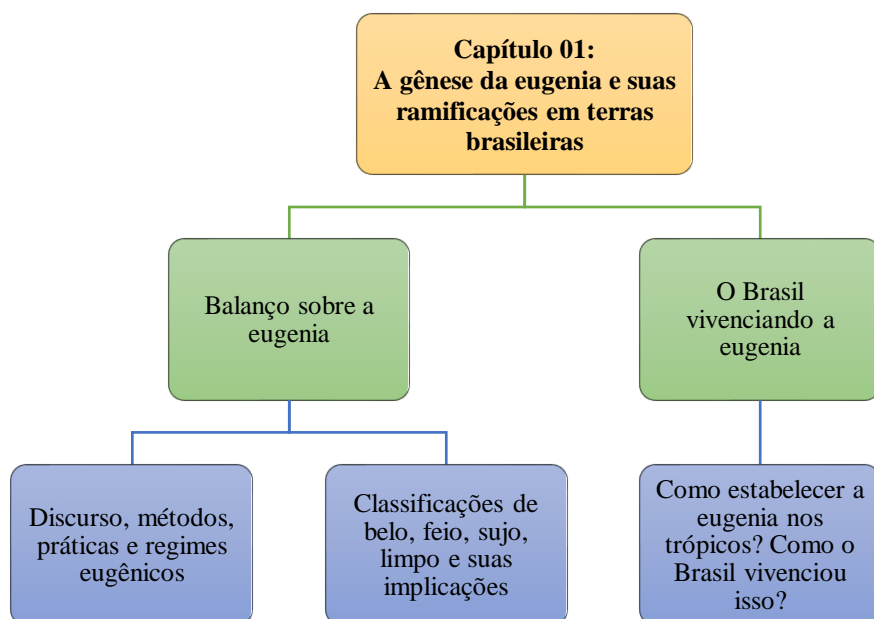
René Rémond afirma que o dezenove foi um dos séculos mais complexos, marcado por quatro correntes⁹ que ora se sucedem, ora se combatem, mas, de fato, todas entram em conflito com a ordem estabelecida. Para este autor, o século XIX, se

⁹ Ler mais em RÉMOND, René. *O Século XIX: 1815-1914*. Trad. de Frederico Pessoa de Barros Versão digitalizada por: Argo. In: <https://www.portaldocriador.org>.

inicia em 1815, com o Congresso de Viena, e se estende até 1914, com a Primeira Guerra Mundial.

Os conflitos de civilização invadiram todos os níveis e estruturas sociais: Michelle Perrot, autor que faz parte das referências da autora, nos diz que a curiosidade de ver o outro, invadia a intimidade, fazendo “olharem o buraco da fechadura”, nesse sentido, as ações hegemônicas passaram a versar sobre as posturas do corpo, das faces e das vestimentas, intimando aos corpos se tornarem sociáveis, adaptados a sociedade.

No Capítulo 01: A gênese da eugenia e suas ramificações em terras brasileiras, pode ser sintetizado no seguinte *SmartArt*:



Neste capítulo a autora destaca como se pensou, improvisou uma eugenia no Brasil. Inicialmente lemos como a eugenia se criou enquanto discurso e prática. Nas palavras da autora:

Vale dizer que a eugenia, o higienismo e o sanitarismo produziram diversas ações para a concretização de seus ideais e atuaram, também, no campo cultural ajudando na configuração da Belle Époque, na qual os corpos cidadão e humano foram influenciados com novos estilos onde a beleza e a elegância fizeram parte das normas sociais que foram justificadas por discursos da hegemonia como o discurso médico que divulgava a estreita relação beleza e saúde [...]

A arquitetura e a engenharia dialogaram com o discurso médico, onde o significado do belo estava vinculado à ideia de saúde e vice-versa. Assim, esses dois conceitos caminhavam juntos no corpo cidadão e no corpo

humano, onde homens e mulheres deveriam cumprir os rituais de toalete e aplicar em suas vidas os aconselhamentos da medicina.¹⁰

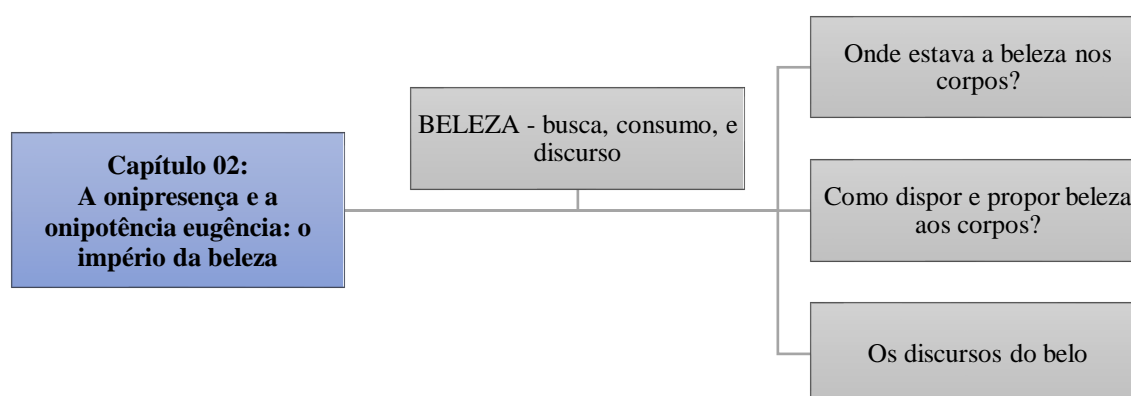
O sentido que a autora dá a corpo/corporeidade é corpo cidadão e corpo humano. Dessa forma, é possível visualizar como as sociabilidades eram determinadas pelas posturas e como essas posturas enfatizavam as formas de ser no espaço público/privado e, como as recomendações dos eugenistas eram ligados a um discurso de civilidade, algo onipresente nos ambientes da Belle Époque. De fato, a partir dos anos 1850, na segunda parte do XIX, engendra uma força para crenças progressistas. A tríade urbanismo-beleza-modernidade, apresentou, definiu ao mundo novas formas de se mostrar perante a sociedade tudo estará envolvido num grande discurso chamado de saneamento, que segundo o discurso, traria mudanças públicas, enfatizando o bem da população de então, isso era o grande discurso da Belle Époque: difundir a noção de progresso pela boa aparência dos corpos cidadãos e humanos.

Essas ideias assumiram posição no Brasil oitocentista. No Império brasileiro, houve uma luta perene para estabelecer a modernização em todo o território, surgiram leis que estimulem o cidadão a se tornar hábil e aparente ao convívio social. Apresentar ao mundo uma nação civilizada e engrandecida era positivo, pois ninguém queria ser classificado como selvagem, bruto ou sem educação.

Assim, o Brasil, também estará mascarado por um discurso onde a maioria da população local não se fez presente no discurso oficial, mas estará atuando e plenamente viva. Neste sentido, a partir das fontes da autora, o texto interage os conhecimentos médicos, sanitários, e como estes formaram uma eugenia no Brasil, apontando novos discursos e novos sistemas de controle e domínio dos corpos.

O Capítulo 02: A onipresença e a onipotência eugênica: o império da beleza, opto em destacar da seguinte maneira:

¹⁰ VALDÍVIA, 2023. op. cit. p. p. 36 e 37.



Neste capítulo, a autora enfatizou a construção do discurso e do constructo do belo. E quem nascia feio? O que esperar? A beleza, e seu discurso estava presente em todos os setores do período que a autora se debruçou a nos mostrar: a ideia de belle époque já sugere porque a beleza seria o ensejo dos governantes: ser belo, estar belo era um condicionante da civilidade, da modernidade e da novidade.

A beleza era assim uma busca constante, amparada no consumo e no discurso da modernidade! A cidade bela, embelezada com a moderna arquitetura, não poderia agregar pessoas que contradiziam o espaço, nesse sentido, a beleza do corpo caminhava ou deveria combinar com os espaços. Era preciso encontrar a beleza nos corpos, essa beleza era valorizada e deveria ser enfatizada com usos de atributos que destacasse os atributos, ou que encaminhassem para a melhoria das feições.

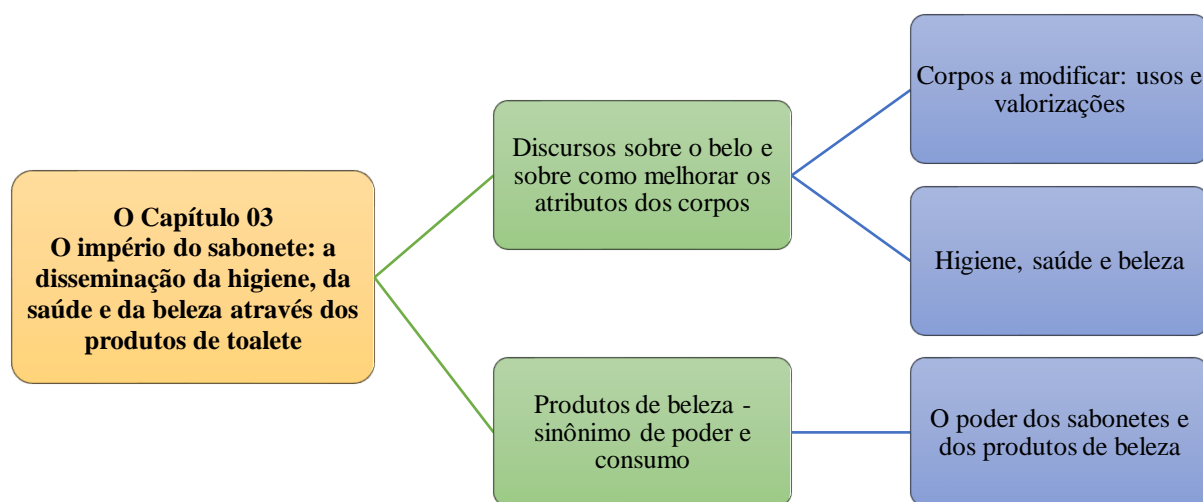
Como dispor e propor a beleza dos corpos se tornou o grande desafio dos estudiosos do corpo, estes procuravam pelas teorias da craniologia, da frenologia estabelecer um padrão de beleza nos rostos e cabeça que indicassem assim também uma possibilidade de “conserto”. E isso gerou diferentes discursos, uns em forma de espetáculo, nas palavras da autora:

A exposição do belo e do feio feita de forma espetacular fez o contraponto entre o ideal de normalidade e de anormalidade através de narrativas, assim, os mitos da beleza invadiram a sociedade. [...] O imperialismo praticado através das referidas áreas de atuação infiltrou-se culturalmente nas formas de consumo através de diversos produtos como os de toalete que, além dos aromas, exalavam racismo, preconceito e exclusão.¹¹

¹¹ VALDÍVIA, 2023. op. cit. p. 82.

Nesse sentido, o mesmo discurso que pregava a possibilidade de acesso a beleza, excluía e classificava de maneira negativa, jocosa e hostil àqueles que não podiam se estabelecer naquele “império da beleza” como perfeitamente classificou a autora. Por isso, a beleza enquanto discurso era limitante do status social daqueles que nela podiam se manter.

O Capítulo 03: O império do sabonete: a disseminação da higiene, da saúde e da beleza através dos produtos de toalete, sintetizo da seguinte forma:



Neste capítulo, Márcia nos brinda com diferentes olhares sobre diferentes perspectivas: inicialmente o título nos apresenta a importância que os produtos de beleza assumiram na sociedade, na vida pública e privada dos cidadãos. Usar produtos de beleza era assumir uma postura de saúde, de sentir-se parte dos corpos belos, da sintonia.

Os discursos sobre o belo se ampliaram e a busca em modificar os corpos e melhorar a aparência começaram a “invadir” o ambiente social. Higiene, saúde e beleza eram as marcas da civilidade, e a propaganda dos produtos de beleza levaram um público cada vez maior a adquirirem hábitos de consumo que àqueles convites, propagandas difundiam.

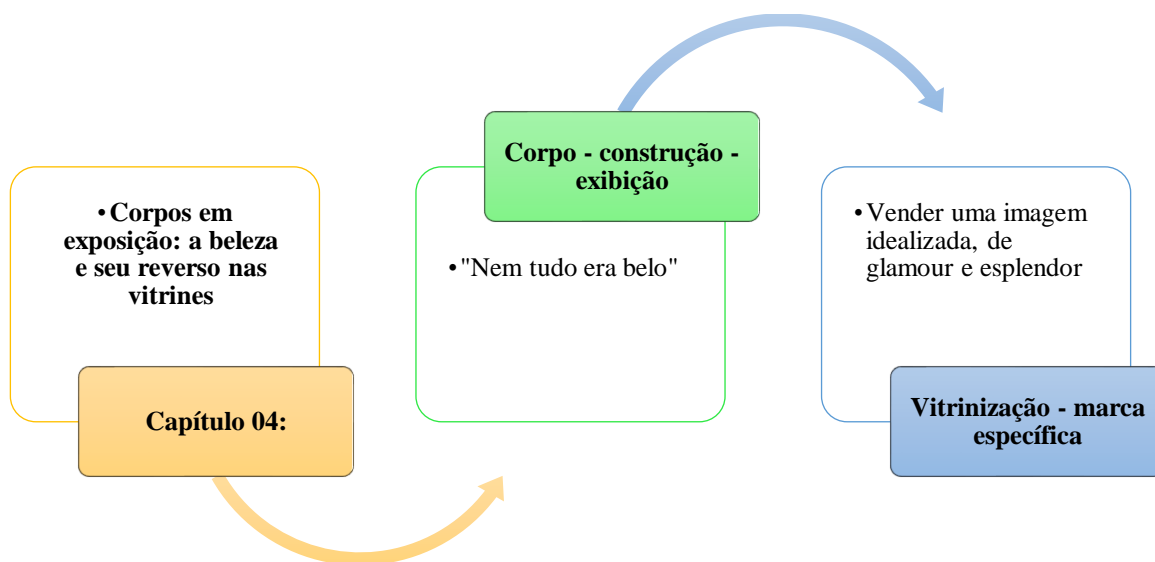
O rigor da autora em nos brindar com uma ampla documentação mostram um texto maduro em termos teóricos, analíticos e de fontes. A autora nesse capítulo utiliza desde discursos médicos, passando por teses higienistas, e o ápice são as fontes cotidianas: periódicos, com seus anúncios, propagandas, reclames, a imagética

nessas fontes, retratos, pinturas, e fotografias criando uma atmosfera cultural a partir de sua leitura. Sobre isso, a autora nos esclarece que:

Nas fontes consultadas e analisadas tanto naquelas que tratavam dos discursos médicos como nas iconográficas, em especial nas propagandas publicitárias, há grande visibilidade do “belo sexo”, como era referenciado o corpo feminino, mas é interessante notar que quando se tratava de beleza e/ou saúde, outros corpos, como os dos homens e até mesmo das crianças, foram utilizados nas propagandas.¹²

Esse capítulo sem dúvidas assume uma relevância para a história cultural da belle époque brasileira pois enfatiza como a comercialização e a divulgação deles assumiu uma relevância na sociedade, e influenciaram a ênfase nas posturas e no cotidiano das pessoas. A autora destaca a construção da beleza pela higiene e centraliza suas análises na circulação e consumo dos produtos de toaletes, tornando uma dimensão simbólica permeada de historicidade.

Por fim, o Capítulo 04: Corpos em exposição: a beleza e seu reverso nas vitrines, sintetizo da seguinte forma:



Finalizando a obra, a autora nos brinda no capítulo 04 completando sua análise numa feliz comparação da fabricação da imagem dos corpos como uma ideia de vitrine. A vitrine é algo para ser visto, comprado, consumido. Nesse sentido, a exibição era o alvo primeiro da beleza, e estar sempre bem alinhado, limpo para ser visto, bem-visto e bem-vindo nas sociabilidades.

¹² Idem. p. p. 108, 109.

Porém, na construção dos corpos, como a construção de quase todas as vitrines, o efeito era apenas visual, com o objetivo de atrair olhares. Mas nem tudo era belo... a limpeza urbana ao mesmo tempo que projetava uma cidade limpa, ordenada, alinhada, expelia, afastava e encobria o que contrariasse esse ideário. De acordo com a autora:

Gestos e gostos foram educados de forma sedutora. Muito daquilo que tinha sido elaborado dentro das reuniões, congresso e simpósios da área médica foi trazido para a sociedade através de uma estética agradável e que estava apta a despertar o desejo dos interlocutores que realizavam o *footing* pelas ruas da cidade e, até mesmo, podiam ver suas imagens refletidas nos vidros das vitrines e, com o dinheiro, podiam comprar e almejar ser semelhantes aos modelos expostos e propagados nas revistas, nos jornais, nos almanaques e nos cartazes que estavam materializados no comércio de luxo da cidade.¹³

Viver na cidade durante o período da belle époque exigia uma etiqueta, uma pequena ética que permeava diferentes questões, e no centro disso tudo estar bonito era necessário. Pensemos nas resistências silenciosas, quantas pessoas fizeram de tudo para se adequar ao imposto por exigência de um status quo, que se preenchia de valores hostis e estratificados.

A vitrinização era assim um meio de vender uma marca específica: de seduzir e de impor aquilo que a sociedade deveria ser. A ideia de glamour e esplendor era o almejo de quase todos os cidadãos não apenas para “ser belo”, porém parecer belo e ser aceito em determinadas atividades cotidianas, e ter o direito de viver na cidade!

¹³ Idem. op. cit. p. 141.